



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

D'O PASQUIM AO CHARLIE HEBDO: A INTERDIÇÃO DE DOIS DISCURSOS PODEROSOS

Givanildo Brito Nunes^{§§§§§§§§}
(UESB)

Milene de Cássia Silveira Gusmão^{*****}
(UESB)

RESUMO

Em 2015, fundamentalistas religiosos invadem a redação do jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, em Paris, e matam 12 pessoas – entre elas alguns dos maiores cartunistas do mundo – sob alegação de “vingar” o profeta Maomé. Quase 45 anos antes, em 1970, outro semanário de humor – o brasileiro *O Pasquim* – também fora vítima de um atentado, embora a bomba atirada contra a redação não tenha explodido. Este artigo pretende analisar os dois casos, estabelecer ligações e utilizá-los como exemplos de que qualquer discurso está permanentemente submetido a mecanismos de limitação.

PALAVRAS-CHAVE: *Charlie Hebdo*; *O Pasquim*; Interdição

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer o que quiser, da forma como quiser, em qualquer situação e sob qualquer circunstância? A questão soa mais forte desde que o jornal satírico francês *Charlie Hebdo* foi vítima de um atentado terrorista que matou doze pessoas – entre elas alguns cartunistas de renome internacional. Este trabalho se propõe a analisar as

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: guajeru05@yahoo.com.br

*Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Bacharelado em Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Coordenadora do Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo Uesb. Líder do Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural. Pesquisadora do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB. E-mail: mcsusmao@gmail.com

§§§§§§§§



relações conflitantes entre a pretensa liberdade de expressão e as diversas formas de ordenação e limitação que historicamente a impediram de ser plenamente exercida. Para isso, a discussão se baseará no que Michel Foucault expressou na obra *A ordem do discurso*, em que são descritos os mecanismos que limitam a circulação dos discursos. Para o autor, há uma "ordem" que admite somente os discursos que obedecem a certos critérios. Os que não estiverem de acordo, são eliminados ou sofrem adequações de modo a relativizar seus efeitos.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, pp. 8-9).

A análise fará um paralelo com o jornal humorístico brasileiro *O Pasquim*, também vítima de um atentado terrorista, em 1970. Privilegiaremos os procedimentos externos de limitação do discurso, responsáveis por excluí-lo e anular os efeitos de sua materialidade. Será enfatizada a interdição, seu método mais conhecido, através do tabu do objeto, que designa certos assuntos sobre os quais a vigilância atua de forma mais intensa. Esse tipo de interdição recai, principalmente, sobre a sexualidade e a política – dois temas presentes no *Charlie Hebdo* e no *O Pasquim*, embora neste a utilização se dê numa dimensão diferente da que predomina na publicação francesa.

Segundo Foucault (1996), a sexualidade e a política trazem consigo problematizações que geram conflitos. O discurso que os traz não é algo "transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica" (pp. 9-10). Se emitidos livremente, esses dois elementos "exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes" (p. 10). O esforço por interditar o discurso que traz sexualidade e política mostra que, em sua constituição, há saber e poder. E, para Foucault, o poder e o saber estão mutuamente interligados. O discurso contém saber, e, exatamente por isso, torna-se um objeto de poder. E o poder é um potencial objeto de desejo.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que (...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (1996, p. 10)

O poder será tratado aqui à maneira foucaultiana, como algo que permeia todas as relações. Não há quem rigorosamente o possua, mas sim quem o exerça e o ponha em funcionamento – o que implica em que haja quem a ele exerça resistência. É algo de que ninguém está livre. Exercemo-lo e a ele resistimos, diariamente. Foucault (apud SOUZA) explica:

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas de ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E tudo funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas que se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, uma relação. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seus exercícios não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento do poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, tela que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações e forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transtórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (2011, p. 109)††††††††

Constata-se, então, que poder e resistência estão permanentemente ligados, numa relação simbiótica que envolve vários agentes. O *Charlie Hebdo* exercia uma função alegadamente de resistência ao *status quo*, ao mesmo tempo em que, para os fundamentalistas que se insurgiram contra o jornal, personificava um poder contra o qual se devia lutar. O mesmo raciocínio se aplica à tentativa de atentado contra *O Pasquim*. Conheçamos, portanto, as circunstâncias em que ambos os discursos foram interditados.

†††††††† Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/3160/2911>>. Acesso em: 15/03/2015.



MASSACRE EM PARIS

A reunião de pauta já havia começado na redação do *Charlie Hebdo* em 7 de janeiro de 2015, nos arredores da Praça da Bastilha, em Paris. Por volta das 11h30, o local foi invadido por dois desconhecidos, munidos de *kalashnikovs* e um lança-granadas. Em menos de dez minutos, doze pessoas foram mortas^{††††††††}. Os agressores eram dois irmãos, Chérif e Said Kouachi, de 32 e 34 anos, ambos parisienses de ascendência argelina, convertidos ao Islã fundamentalista e treinados no Iêmen. Momentos depois, outro cidadão francês, Amedy Coulibaly, 32 anos, assassinou uma policial no sul de Paris e matou mais quatro homens num mercado de comida judaica. Enquanto isso, o líder do grupo terrorista Al-Qaeda na Península Arábica, Nasser ben Ali-Anassi, veio a público para reivindicar a autoria dos atentados e justificá-los como "vingança" em nome do profeta Maomé, figura tida como sagrada pelos muçulmanos.

A trágica ação interditou o discurso do *Charlie Hebdo*, cujo teor humorístico recorria a ilustrações satíricas de autoridades políticas e religiosas. Esse comportamento, sintetizado no slogan "jornalismo irresponsável", gerava ameaças e processos judiciais. As consequências desse humor de cunho sexual e político se intensificaram a partir de 2006, quando o semanário publicou, pela primeira vez, charges que retratavam Maomé. Em 2011, quando voltou a publicar desenhos do profeta, a antiga redação do *Charlie* foi destruída num atentado à base de coquetéis molotov. Parte dos colaboradores passou a viver sob proteção policial e a redação foi transferida para os arredores da Praça da Bastilha. Apesar disso, o *Charlie* não moderou seu discurso. Maomé tornou-se personagem constante do jornal. Na edição publicada na véspera do atentado de 2011, uma caricatura do profeta prometia: "Cem chibatadas se você não morrer de rir" (Figura 1). Na mesma capa, o jornal sugeria a mudança de seu

†††††††† Foram mortos os cartunistas Georges Wolinski, Jean Cabu, Phillippe Honoré, Stéphane Charbonnier (Charb) e Bernard Verlhac (Tignous), o vice-editor Bernard Maris, o revisor Mustapha Ourad, a psicanalista e colunista Elsa Cayat, o funcionário da empresa Sodexo, Frédéric Boisseau, o visitante Michel Renaud e os policiais Frank Brinsolaro e Ahmed Merabet. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/saiba-quem-sao-os-mortos-nos-tres-dias-de-ataques-na-franca.html>>. Acesso em: 15/03/2015.

nome para *Charia Hebdo* – uma ironia com a palavra "sharia", nome dado às leis islâmicas.

Em 2012, outra ilustração mostrou um muçulmano numa cadeira de rodas, sendo empurrado por um judeu. A legenda diz: "Intocáveis – Não se deve zombar" (Figura 2). Noutra capa, um muçulmano segura o Alcorão em frente ao peito como um escudo, enquanto alguém atira nele. As balas atravessam o livro e o atingem. A legenda constata: "O Alcorão é uma merda – Isto não para as balas".§§§§§§§§ (Figura 3) Outras capas atingiam em cheio a cúpula da Igreja Católica, ridicularizando organizações ultraconservadoras, como a Opus Dei (Figura 4), ou mencionando tabus como a pedofilia.

A postura esquerdista do *Charlie* também foi evidenciada quando o parlamento francês aprovou a criação de um imposto especial sobre grandes fortunas. A medida determinava, durante dois anos, uma taxa de 75% sobre contribuintes com faturamento superior a um milhão de euros por ano. Seguindo o exemplo de outros compatriotas milionários e pouco afeitos a pagar impostos, o ator Gérard Depardieu mudou-se para uma cidadezinha na Bélgica, país que oferecia menores incidências fiscais sobre sua fortuna. O semanário, então, pôs numa capa a caricatura de Depardieu, com a seguinte manchete: "Conseguirá a Bélgica acolher todo o colesterol do mundo?"***** (Figura 5) Era uma alusão à silhueta rechonchuda do ator.

O *Charlie* ria do Islã, do Judaísmo e do Cristianismo, além de poderosos de qualquer matiz ideológica. Se uma capa mostrava Maomé (Figura 7), outra trazia um tórrido beijo entre um cartunista do próprio *Charlie* e um muçulmano, sob a manchete: "O amor é mais forte que o ódio" (Figura 6). Aqui, compreendemos que os motivos que levaram os fundamentalistas a se julgarem no direito de "vingar" Maomé estão relacionados ao tabu do objeto – uma das formas sob as quais a interdição funciona como procedimento de interdição do discurso. O Alcorão proíbe qualquer reprodução de imagens de Alá e do profeta Maomé.

§§§§§§§§ As capas mencionadas neste artigo estão disponíveis em:
<<http://exame.abril.com.br/mundo/album-de-fotos/as-capas-de-charlie-hebdo-que-causaram-a-ira-em-extremistas#7>> Acesso em: 19/03/2015.

***** Idem, ibidem.



Segundo o Alcorão, Alá e o Profeta não podem ser retratados. Isso fica claro no capítulo 42, versículo 11: "(Alá) é o criador dos céus e da terra (...) não há nada que se assemelhe a ele". E eis o capítulo 21, versículos 52 a 54: "(Abraão) disse ao pai e ao povo: 'Por que a adoração por essas imagens que vos unem?' Eles disseram: Vemos nossos pais a adorá-las. Ele disse: Certamente vocês têm cometido, juntamente com vossos pais, em erro manifesto". (CARTA, 2015, p. 21)

UMA TRAGÉDIA QUE NÃO HOUE NO RIO DE JANEIRO

Quase 45 anos antes do atentado terrorista contra o *Charlie Hebdo*, outro discurso já sofria limitações por meio de procedimentos externos. Como pano de fundo, havia o Ato Institucional nº 5. Em lugar da Praça da Bastilha, o limite entre os bairros Flamengo e Botafogo, no Rio de Janeiro. Ao invés da redação do *Charlie*, a *d'O Pasquim*, principal expoente da Imprensa Alternativa^{††††††††} no Brasil. Em vez de *kalashnikovs* e lança-granadas, uma rudimentar bomba de fabricação doméstica.

O petardo foi descoberto por um vigilante na madrugada de 12 de março de 1970, no quintal da redação *d'O Pasquim*, num prédio da rua Clarisse Índio do Brasil. Não havia nenhum jornalista ou cartunista ali. Na edição 39, a primeira depois do atentado frustrado, o jornal publicou que o artefato não explodiu porque "os responsáveis pelo atentado apertaram demais a ligação do estopim com a espoleta, de maneira que, apesar de ter queimado todo o estopim, o fogo não chegou até o carregamento de dinamite e TNT". (AUGUSTO e JAGUAR, 2007, p. 90) As prováveis consequências, caso o atentado tivesse sucesso, seriam assustadoras.

O detetive Penteado, perito do Dops, após examinar a bomba, afirmou que foi a maior que encontrou num atentado terrorista. A sua carga pesava cinco quilos, isto é, o dobro daquela colocada na loja do Correio da Manhã, na Avenida Rio Branco, que destruiu não só a loja como todas as janelas do prédio de cerca de 25 andares. Se a bomba explodisse, atingiria a sede *d'O Pasquim* – matando o vigia e sua família – e alguns prédios vizinhos. O

†††††††† Rede de publicações que funcionou como um refúgio para os jornalistas mais críticos, por conta do controle que a censura passou a ter sobre a imprensa convencional.

total de vítimas poderia ser de algumas dezenas. Sendo um petardo poderoso, os seus estilhaços poderiam ainda atingir um gasômetro instalado aproximadamente a cem metros d'*O Pasquim*. Caso isso ocorresse, o resultado seria, sem dúvida, a maior catástrofe já ocorrida no Brasil. (Idem, ibidem)

O tom dramático logo dá lugar à autoironia:

Damo-nos por vencidos, como diria um purista. Até agora ainda não sabemos quem colocou a bomba na rua Clarisse Índio do Brasil (...) na madrugada de quinta-feira, doze de março (felizmente, como sempre, estávamos no bar). Mas já sabemos, naturalmente, a direção e de onde veio o ataque. E sabemos, sobretudo, o que pretendem os agressores. Assim, para evitar qualquer futuro atentado, damos, acima, aquilo que tão ardentemente desejam os terroristas: ver nossas caveiras. (Idem, ibidem, p. 91)

Acima do texto, uma fotografia mostra os integrantes do jornal com os rostos ocultos por máscaras de caveiras. Um deles segura uma caixa de uísque, totalmente vazia. O incidente rendeu ainda um cartum de Millôr, em que o humorista toma emprestados personagens de colegas: os Fradinhos, de Henfil, e o rato Sigmund, mascote d'*O Pasquim*, criado por Jaguar. Um dos Fradinhos – o Baixinho – pressiona um detonador, do qual sai um longo pavio. Sigmund começa a correr, dizendo: “Argh! Chegarei a tempo de evitar a *catastre?* (sic)”. O pavio se estende pelas três páginas seguintes, ao fim das quais se vê a explosão da Estátua da Liberdade. Fugindo dos estilhaços, Sig conclui: “O preço da vigilância é a eterna liberdade!” (Idem, ibidem, pp. 91-94)

Os militares já davam sinais de sua aversão a *O Pasquim*. Menos de dois meses antes, o general-presidente Garrastazu Médici baixara o Decreto-Lei 1.077, que instituiu de vez a censura prévia, tendo como alvo “as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”. (KUCINSKI, 2003, p. 216) Foi a resposta à polêmica provocada pela entrevista da atriz Leila Diniz a *O Pasquim*, em novembro de 1969 (Figura 8), em que ela falara abertamente sobre sua vida sexual. Os inúmeros palavrões ditos por Leila foram substituídos nas páginas do jornal por asteriscos – o que não interferiu na compreensão do conteúdo.



Da entrevista de Leila a *O Pasquim*, emanava uma sexualidade com dimensões e características diferentes da que predominou no *Charlie Hebdo*. Era uma tentativa de naturalização da liberdade sexual feminina, em pleno final da década de 60 – período que, no Brasil, transcorria sob o agravante do AI-5 e em meio a uma percepção social predominantemente machista – enquanto que, no semanário francês, a sexualidade foi exposta também sob o signo da indignação política com viés esquerdista, acrescido de tintas anarquistas, mas mirando de forma certa em temas religiosos, expondo-se um tipo de interdição diferente daquele que *O Pasquim* recebera da ditadura brasileira.

No trecho abaixo, Leila relembra o início de seu relacionamento com o cineasta Domingos de Oliveira, após uma farra numa véspera de Natal.

Leila – (...) Às seis da manhã, eu estava inteiramente de porre dormindo numa poltrona, ele estava inteiramente de porre dormindo no chão. Como estávamos dormindo os dois, resolvemos dormir juntos.

Jaguar – Como diz a Zsu Zsu Vieira, aconteceu o inevitável.

Leila – É: o inevitável. Passamos o dia de Natal (*). (...)

(...)

Jaguar – Quantos casos você já teve, depois da separação?

Leila – Casos mil; casadinha nenhuma. Na minha caminha, dorme algumas noites, mais nada. Nada de estabilidade. (AUGUSTO e JAGUAR, 2007, p. 61)

A entrevista despertou a ira dos conservadores e levou o jornal *O Globo* a publicar um editorial de cunho moralista contra o que chamou de “esquerda pornográfica”. (KUCINSKI, 2003, p. 217) Daí, surgiu o tal decreto, que passou à história com o injusto apelido de “Decreto Leila Diniz”. O repúdio dos militares à discussão pública sobre sexo decorria da Doutrina de Segurança Nacional, que “via a imprensa como um campo privilegiado de infiltração comunista” (Idem, ibidem, p. 216). Associando a “pornografia” ao comunismo, o regime se valia do puritanismo para integrar os brasileiros à luta contra o “perigo vermelho”. Esse raciocínio levava o regime a enxergar num jornal debochado como *O Pasquim* uma ameaça à segurança nacional.

A ditadura e seus apóstolos não achavam a menor graça no *Pasquim* e tentaram, por todos os meios, destruí-lo. Para eles, “aquilo” era um antro



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

de comunistas, bêbados, pervertidos e drogados, empenhados em difundir ideologias exóticas e subversivas, desencaminhar a juventude e destruir a família brasileira. Um “panfleto fescenino”, na ranzinza avaliação do dr. Gustavo Corção, colunista de *O Globo* e um dos judas favoritos da turma, ao lado de David Nasser, Roberto Campos e Nelson Rodrigues. (AUGUSTO e JAGUAR, 2007, p. 11)

Em janeiro de 1970, a revista *Veja* atribuiu a Médici a afirmação de que a finalidade do decreto-lei seria “proteger a família”, já que as publicações visadas “insinuam o amor livre e ameaçam destruir os valores morais da sociedade brasileira”#####. Note-se o choque de visões: o mesmo “amor livre”, defendido com naturalidade por Leila Diniz, é visto pelo ditador como uma “ameaça”. Nem seria preciso citar nominalmente *O Pasquim*. Ainda assim, Médici o fez, deixando claro que não via a menor graça no jornal.

(...) sabe-se que o Ministério da Justiça vinha recebendo ultimamente várias reclamações de muitos setores, inclusive militares e religiosos, pedindo medidas contra publicações nacionais e estrangeiras. Com o aumento dessas reclamações, o Ministério resolveu encaminhá-las ao presidente, surgindo, posteriormente, o anteprojeto do decreto-lei. Por outro lado, o próprio Presidente Garrastazu Médici revelou há duas semanas em Brasília a alguns de seus assessores que ficara irritado com algumas publicações que haviam chegado às suas mãos, citando o semanário “O Pasquim”, do Rio.#####

Curiosamente, ao destacar a repercussão do ato governamental, *Veja* enumerou apenas opiniões favoráveis – entre elas a de um personagem que *O Pasquim* elegeria como um de seus “inimigos” favoritos: “O escritor e teatrólogo Nelson Rodrigues declarou que se tornava necessário um ato moralizador, 'muito mais para conter a subversão organizada, inclusive com a imoralidade em punho'#####”. Uma fina ironia, já que Nelson teve várias peças censuradas por serem consideradas atentatórias à moral e aos bons costumes.

††††††††††
§§§§§§§§§§

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em: 15/03/2015.
Idem, ibidem.
Idem, ibidem, p. 20.



PRESSÕES, CENSURA E PRISÃO

Embora houvesse começado em clima de euforia – em seis meses a tiragem aumentara de 28 mil para 250 mil exemplares –, o ano de 1970 seria dramático para *O Pasquim*. O sucesso editorial logo levou aos primeiros choques com publicações maiores, que passaram a vê-lo como um concorrente ameaçador. (GASPARI, 2002, p. 219). Primeiro, tentou-se prejudicar a distribuição do jornal. Depois, em abril, viria uma censura ainda irregular, após uma capa com dom Hélder Câmara. (KUCINSKI, 2003, p. 217) Em junho, o jornal foi posto de vez sob a censura prévia, o que o obrigava a submeter todos os textos e ilustrações antecipadamente à Polícia Federal.

Ainda assim, o jornal subvertia a censura, transformando-a numa caricatura de si mesma. A primeira censora d'*O Pasquim*, Marina Brum Duarte, tinha especial apreço pela bebida. Jaguar (apud Kucinski, 2003, p. 217) descreve a estratégia armada por conta dessa constatação: “Todo dia a gente botava uma garrafa de *scotch* na mesa dela e depois da terceira dose ela aprovava tudo. Resultado: foi despedida...” Com a saída de Marina, entrou em cena outro censor: o general Juarez Paz Pinto, que dava expediente em “repartições” pouco ortodoxas.

(...) ele recebia a gente numa *garçonnière*, debaixo de um enorme retrato de Brigitte Bardot com os peitos de fora. De vez em quando chegavam umas meninas lá, ele apresentava a gente visivelmente orgulhoso, “esse aqui é o Jaguar, de *O Pasquim*, o Ivan Lessa, estou aqui censurando *O Pasquim*, vai lá pro quarto que daqui a pouco eu vou”. Mas aí, evidentemente, ele ficava nervoso, a gente espichava as discussões e, para evitá-las, ele ia aprovando. (Idem, ibidem, pp. 216-217)

Na madrugada de 1º de novembro, durante o fechamento da edição 72, agentes do DOI-CODI†††††††††† invadiram a redação e prenderam todos ali presentes. Após o amanhecer, o arrastão continuou, capturando os que ainda não haviam sido presos – à exceção de Millôr e Henfil, que não foram encontrados. Jaguar atribui a prisão a uma gozação com o quadro “Independência ou morte”, de Pedro Américo: o cartunista

†††††††††† Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna, órgão onde se executavam prisões e torturas de opositores do regime militar.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

acrescentara à obra um balão de fala, fazendo dom Pedro I gritar “Eu quero mocotó!”*****. A piada fora “aprovada” por dona Marina, provavelmente já com seus critérios de avaliação afetados pelo *scotch* que lhe ofereciam – o que levou à interrupção de sua curta carreira como censora d'*O Pasquim*.

Graças à colaboração de voluntários, o semanário não deixou de circular. Sem poder mencionar a prisão, publicou que um “surto de gripe” vitimara seus integrantes. Na edição 73, uma frase na capa dizia: “*O Pasquim* – um jornal com algo menos”. Na 74, “*O Pasquim* – apesar dos pesares”. Já na 75, “Uma coisa é certa: lá dentro deve estar mais engraçado do que aqui fora”. Parecia materializar-se a advertência de Millôr, num artigo para a 1ª edição d'*O Pasquim*: “Nós, os humoristas temos bastante importância pra ser presos e nenhuma pra ser soltos”. (FERNANDES, 1977, p. 15)

A turma só foi libertada em 31 de dezembro de 1970. Apesar da “liberdade” e do réveillon, eles pouco tinham a comemorar. Embora não tenha significado o fim do jornal, a prisão causou estragos, como a queda nas vendas, a recusa de muitos jornalheiros a exibi-lo e vendê-lo e a momentânea diminuição da publicidade ao nível zero.

O DISCURSO DOS SOBREVIVENTES

Após os trágicos acontecimentos de Paris em 2015, os sobreviventes do atentado frustrado de 1970 foram chamados a falar. Questionado sobre se o jornalismo crítico sairia enfraquecido após o atentado contra o *Charlie Hebdo*, o cartunista Ziraldo (apud Germano 2015) assegurou esperar o contrário.

A sociedade agora compreende a importância e o poder do humor. Não se imaginava que a charge poderia ser combatida com tamanha violência e, se foi combatida assim, é porque atinge as pessoas na mesma dimensão. Portanto, repito: se você quer desmoralizar um tirano, não há nada mais eficiente do que lançar uma gargalhada sobre ele. E todo mundo está fazendo charges sobre esse atentado, ninguém se calou.*****

***** Título de uma canção de sucesso da época, gravada por Jorge Ben.
***** Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/01/a-sociedade-agora-entende-a-importancia-do-humor-diz-ziraldo-sobre-ataque-a-charlie-hebdo-4678494.html>>. Acesso em: 22/03/2015.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Reforçando esse prognóstico, Jaguar (2015) garantiu que radicalizará na agressividade de seus cartuns.

Os colegas de cartum, não sei, mas eu pretendo pegar mais pesado do que costume. Para quem não viu a minha charge de quinta-feira passada, desenhei um suposto Alá com turbante e uma barba negra contrastando com a barba branca de um Deus ariano. Pela Lei do Corão, qualquer imagem do Profeta é um crime que deve ser punido com a morte. E agora? Os malucos extremistas que fuzilaram Wollinski e seus companheiros vão explodir também meus miolos? Façam suas apostas.*****

Tanto n'*O Pasquim* quanto no *Charlie Hebdo*, havia resistência e poder – contra o qual também se insurgia outra forma de resistência. Isso constitui as relações de poder, através das quais seus discursos foram seguidamente limitados em busca da interdição. À guisa de conclusão, apreende-se que sob nenhuma circunstância os dois jornais conseguiriam emitir o discurso que quisessem, no lugar que quisessem, da forma que preferissem.

Mas, em lugar da resignação, este trabalho se propõe a problematizar as relações conflituosas entre a liberdade de expressão e a ordenação histórica do discurso, segundo a acepção de Foucault. No caso d'*O Pasquim*, as limitações aqui analisadas ocorreram no período mais asfíxiante do regime militar. Já o discurso do *Charlie Hebdo* foi interdito em pleno século 21, na França dos pendores democráticos que levaram à Revolução Francesa e aos ideais de *liberdade, igualdade e fraternidade*. Nesse palco, jornalistas e cartunistas foram fulminados por extremistas que se indignaram com piadas sobre assuntos que, para eles, eram “sagrados” – e, portanto, tabus. Para o *Charlie*, nada era sagrado. Nem a religião, nem a política, nem o sexo, nem qualquer autoridade política ou espiritual. Tal postura levou aos atos extremos de alguns que não a admitiam. A interdição foi em sentido literal e trágico, transcendendo a mera eliminação da materialidade do discurso. Vidas foram interdidas.

***** Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2015-01-10/jaguar-charlie-hebdo-e-o-pasquim.html>>. Acesso em: 22/03/2015.



Sabe-se que o humor é ameaçador diante de estruturas vigentes. Zizek (2015) considera o riso complexo, por ser libertador e, ao mesmo tempo, ambíguo. Tanto pode servir aos poderosos, como recurso para subjugar e humilhar os dominados, como pode ser também uma arma dos subjugados para contestar a legitimidade dos que os subjugam. Para explicar a dubiedade, o filósofo recorre à imagem grega da oposição entre espartanos e atenienses:

(...) os espartanos, que se orgulhavam de sua severidade, punham o riso no centro de sua ideologia e prática: eles reconheciam o riso comunal como um poder que ajudava a aumentar a glória do Estado. (Os atenienses, em contraste, legalmente restringiam tal riso brutal e excessivo como uma ameaça ao espírito do respeitável diálogo onde nenhuma humilhação do oponente deve ser permitida). O riso espartano – a zombaria brutal de um inimigo ou escravo humilhado, tirando sarro de seu medo e dor a partir de uma posição de poder – encontrou um eco nos discursos de Stalin, quando ele escarnecia do pânico e da confusão dos “traidores”, e persiste ainda hoje, no humor dos ditos “politicamente incorretos”.††††††††††

Nessa ambiguidade, o humor do *Charlie Hebdo* podia ser considerado uma peça de resistência, embora também dele emanasse poder e outros resistissem a ele. Havia ali a lógica do riso como uma força contra os que estavam “por cima”. Aplica-se o mesmo a *O Pasquim*, visto que a polarização brasileira punha, de um lado, a ditadura e seus simpatizantes; do outro, os opositores, aos quais o jornal dava voz. Como aduz Kucinski (2003):

Os humoristas d'*O Pasquim* não praticavam o humor diversionista, ou como forma de reintegração do indivíduo no sistema. Era um humor fortemente centrado na denúncia da coerção e da violação dos direitos humanos. (...) Sua agressividade, suas incursões no inconsciente do opressor, a desmoralização do imaginário repressivo, tudo isso gerava uma profunda irritação no aparelho militar. Ao mesmo tempo em que o desprezo pelo objeto, intrínseco à caricatura e à charge, era captado e compartilhado pela intelectualidade, no estamento militar gerava uma reação de ódio incontida. (p. 220)

†††††††††† Disponível em <<http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/16/eu-sou-estupido-e-maldoso-zizek-esclarece-sua-posicao-sobre-o-je-suis-charlie/>>. Acesso em 28/02/2015.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Num caso e no outro, a “vítima” em comum foi o discurso. As tentativas de interdição – trágica e fatal na França, frustrada no Brasil – visavam a impedir que a materialidade desses enunciados fizesse parte da “ordem”. Foucault descreveu à perfeição os mecanismos que, décadas após sua morte, levariam ao atentado contra o *Charlie Hebdo*. E, ao mesmo tempo, estabeleceu as engrenagens que serviriam como referência para analisar o atentado mal-sucedido contra *O Pasquim*, ocorrido no mesmo ano em que o autor francês ministrou, no College de France, a aula inaugural que, posteriormente, seria publicada num livreto, com o título de *A ordem do discurso*.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Sérgio e JAGUAR (orgs.) **O Pasquim**: antologia, volume I. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.
- FERNANDES, Millôr. **Millôr no Pasquim**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.
- GASPARI, Elio. **As ilusões armadas: a ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

Periódicos

- CARTA, Gianni. Chore por mim, França. **Carta Capital**, São Paulo, ano 21, nº 833, p. 21, 21/01/2015.

Documentos eletrônicos

- As capas de Charlie Hebdo que causaram a ira em extremistas**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/album-de-fotos/as-capas-de-charlie-hebdo-que-causaram-a-ira-em-extremistas#7>>
- GERMANO, Paulo. **'A sociedade agora entende a importância do humor', diz Ziraldo sobre ataque à Charlie Hebdo**. 10/01/2015. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/01/a-sociedade-agora-entende-a-importancia-do-humor-diz-ziraldo-sobre-ataque-a-charlie-hebdo-4678494.html>>.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Jaguar: 'Charlie Hebdo' e o 'Pasquim'. 10/01/2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/opiniaio/2015-01-10/jaguar-charlie-hebdo-e-o-pasquim.html>>.

Saiba quem são os mortos nos três dias de ataques na França. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/saiba-quem-sao-os-mortos-nos-tres-dias-de-ataques-na-franca.html>>.

Sete dias do presidente –A segurança contra a pornografia. **Veja**, São Paulo, ano 2, nº 73, p. 19, 28/01/1070. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>

SOUZA, Washington Luis. **Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault.** Revista Múltiplas Leituras, v. 4, 2, 2011, p. 109. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/3160/2911>>.

ZIZEK, Slavoj. **“Eu sou estúpido e maldoso” – Zizek esclarece sua posição sobre o “Je suis Charlie”.** 16/02/2015. Tradução de Artur Renzo. Disponível em <<http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/16/eu-sou-estupido-e-maldoso-zizek-esclarece-sua-posicao-sobre-o-je-suis-charlie/>>